

**TODOS ENVOLVIDOS**



# TODOS ENVOLVIDOS

RYAN GATTIS

TRADUÇÃO DE RAFAEL MANTOVANI



© Ryan Gattis, 2015

Publicado originalmente em inglês, na Grã-Bretanha, por Penguin Books Ltd.

TÍTULO ORIGINAL

All Involved

PREPARAÇÃO

Luiz Felipe Fonseca

REVISÃO

Gabriel Pereira

Erika Nogueira

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

FOTO DE CAPA

© Chris Hepburn/Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G235t

Gattis, Ryan

Todos envolvidos / Ryan Gattis ; tradução Rafael Mantovani.

- 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.

384 p. ; 23 cm.

Tradução de: All involved

ISBN 978-85-8057-810-2

1. Romance americano. I. Mantovani, Rafael. II. Título.

15-24911

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2016]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

**DEDICADO À MEMÓRIA DO  
CORONEL ROBERT HOUSTON GATTIS SR.**



# SUMÁRIO

<b>OS FATOS</b>		<b>9</b>
<b>PRIMEIRO DIA</b>	<b>ERNESTO VERA</b>	<b>15</b>
	<b>LUPE VERA, OU LUPE RODRIGUEZ, OU PAYASA</b>	<b>23</b>
	<b>RAY VERA, OU LIL MOSCO</b>	<b>67</b>
<b>SEGUNDO DIA</b>	<b>JOSÉ LAREDO, OU BIG FATE, OU BIG FE</b>	<b>79</b>
	<b>ANTONIO DELGADO, OU LIL CREEPER, OU DEVIL'S BUSINESS</b>	<b>99</b>
	<b>KIM BYUNG-HUN, OU JOHN KIM</b>	<b>133</b>
<b>TERCEIRO DIA</b>	<b>GLORIA RUBIO, ENFERMEIRA</b>	<b>149</b>
	<b>ANTHONY SMILJANIC, CORPO DE BOMBEIROS DE LOS ANGELES (LAFD)</b>	<b>161</b>
	<b>ABEJUNDIO ORELLANA, OU MOMO</b>	<b>195</b>
<b>QUARTO DIA</b>	<b>BENNETT GALVEZ, OU TROUBLE, OU TROUBLE G.</b>	<b>217</b>
	<b>ROBERT ALÀN RIVERA, OU CLEVER, OU SHERLOCK HOMEBOY</b>	<b>229</b>
	<b>GABRIEL MORENO, OU APACHE</b>	<b>261</b>
<b>QUINTO DIA</b>	<b>ANÔNIMO</b>	<b>279</b>
	<b>JEREMY RUBIO, OU TERMITE, OU FREER</b>	<b>293</b>
	<b>JOSESITO SERRATO, OU WATCHER</b>	<b>333</b>
<b>SEXTO DIA</b>	<b>JAMES</b>	<b>339</b>
	<b>MIGUEL "MIGUELITO" RIVERA JUNIOR, OU MIKEY RIVERA</b>	<b>343</b>
<b>GLOSSÁRIO</b>		<b>377</b>
<b>CITAÇÕES</b>		<b>382</b>
<b>AGRADECIMENTOS</b>		<b>383</b>





# OS FATOS

Às 15h15 do dia 29 de abril de 1992, um júri absolveu Theodore Briseno e Timothy Wind, agentes do Departamento de Polícia de Los Angeles (LAPD), assim como o sargento Stacey Koon, da acusação de abuso de força para subjugar o civil Rodney King. O júri não conseguiu chegar a um veredito sobre a mesma acusação contra o agente Laurence Powell.

Por volta das 17h começaram as revoltas. Elas duraram seis dias, terminando finalmente em 4 de maio, uma segunda-feira, com um saldo de 10.904 prisões, mais de 2.383 pessoas feridas, 11.113 incêndios e mais de um bilhão de dólares em danos a propriedades. Além disso, sessenta mortes foram atribuídas às revoltas, mas esse número não leva em conta os assassinatos que ocorreram fora das áreas de tumulto durante estes seis dias de estado de sítio e quase nenhum serviço de emergência. Como disse o próprio chefe do LAPD, Daryl Gates, “haverá situações em que pessoas vão ficar sem assistência. São fatos da vida. Não há policiais suficiente para estar em todos os lugares.”

É possível, e mesmo provável, que uma série de vítimas não oficialmente relacionadas às revoltas tenha se tornado alvo devido a uma combinação sinistra de oportunidades e circunstâncias. De fato, cerca de 121 horas sem lei em uma cidade de quase 3,6 milhões de habitantes integrada a uma região de 9,15 milhões de pessoas foi um período de tempo longo o bastante para acertos de contas.

Este livro é sobre alguns deles.



**PRIMEIRO DIA  
QUARTA-FEIRA**



UMA QUESTÃO AINDA MAIS INTERESSANTE É: POR QUE TODOS ESTÃO COM RECEIO DE OUTRA REVOLTA? POR ACASO AS COISAS EM WATTS NÃO MELHORARAM EM NADA DESDE A ÚLTIMA? É O QUE UM MONTE DE PESSOAS BRANCAS ESTÁ SE PERGUNTANDO. INFELIZMENTE, A RESPOSTA É NÃO. O BAIRRO PODE ESTAR REPLETO DE ASSISTENTES SOCIAIS, RECENSEADORES, VOLUNTÁRIOS DE SERVIÇOS COMUNITÁRIOS E MEMBROS DE OUTROS SETORES DA ÁREA HUMANITÁRIA, TODOS COM AS INTENÇÕES MAIS PURAS DO MUNDO. MAS, DE ALGUM MODO, NÃO MUDOU MUITA COISA. AINDA EXISTEM OS POBRES, OS DERROTADOS, OS CRIMINOSOS, OS DESESPERADOS, TODOS SEGURANDO AS PONTAS COM O QUE APARENTA SER UMA TEMÍVEL VITALIDADE.

— THOMAS PYNCHON  
*THE NEW YORK TIMES*  
12 DE JUNHO DE 1966



# ERNESTO VERA

29 DE ABRIL DE 1992

20h14

## 1

Estou em Lynwood, South Central, perto do cruzamento da Atlantic com a Olanda, em uma festinha de aniversário de criança, embrulhando em papel-alumínio as bandejas com os feijões que ninguém comeu, então me dizem para ir para casa mais cedo e que talvez eu nem precise trabalhar amanhã. Talvez nem por uma semana. Meu chefe está preocupado que o que está acontecendo na 110 Street chegue aqui. Ele não fala de confusão nem revolta nem nada. Apenas fala “essa coisa mais ao norte”, mas está se referindo ao lugar onde as pessoas estão queimando coisas, quebrando vitrines e levando porrada. Penso em discutir com ele, porque preciso do dinheiro, mas isso não ia dar em nada, daí nem gasto minha saliva. Guardo os feijões na geladeira da van, pego meu casaco e vou embora.

Quando chegamos lá, no começo da tarde, eu e o Têrmite — um cara que trabalha comigo — vimos fumaça, quatro colunas pretas se erguendo igual às torres de petróleo pegando fogo no Kuwait. Talvez não *tão* grandes, mas grandes. O pai do aniversariante, já meio bêbado, viu que tínhamos reparado na fumaça enquanto arrumávamos as mesas, e disse que era porque os policiais que espancaram o Rodney King não iam ser presos, e o que é que nós achávamos disso? Cara, você sabe que a gente não achou legal, mas não vamos dizer isso para o cliente do nosso chefe! Além do mais, foi uma grande injustiça e tal, mas o que a gente tem a ver com isso? Estava estourando em outro lugar. Aqui, a gente só precisa calar a boca e fazer o serviço.

Estou trabalhando na van dos Tacos El Unico faz quase três anos. É só falar que eu faço. *Al pastor. Asada.* Tranquilo. Também rola um ótimo *cabeza*, se bater a vontade. Senão tem *lengua, pollo*, é você que manda. Tem para todo mundo, sabe como é. Geralmente estacionamos do lado do nos-

so quiosque na Atlantic com a Rosecrans, mas às vezes fazemos festas de aniversário, bodas, qualquer coisa, na verdade. Não recebemos por hora nesses eventos, por isso fico feliz quando acabam mais cedo. Dou tchau para o Termite, digo que da próxima vez é melhor ele lavar bem as mãos antes de aparecer e caio fora.

Andando depressa, são vinte minutos a pé para casa, quinze se eu pegar a Boardwalk, a rua de pedestres entre as casas. Não é um calçadão como em Atlantic City nem nada. É só uma viela estreita de concreto no meio das casas, que serve como ligação entre a avenida principal e o bairro. É o nosso atalho. Como diria minha irmã: “Desde sempre é o lugar onde os malucos correm da polícia.” Descendo, ela leva você direto para a Atlantic. Subindo, leva para as casas, rua após rua. É essa direção que eu pego. Subindo.

A maioria das varandas está com a luz apagada. Os quintais também. Ninguém do lado de fora. Nenhum dos ruídos de sempre. Nenhum rádio tocando velhos hits do Art Laboe. Ninguém consertando carros. Passando pelas casas, ouço apenas TVs ligadas, os âncoras falando de saques e incêndios e Rodney King e negros e revolta e eu acho tranquilo, tanto faz, porque estou concentrado em outra coisa.

Não me entenda mal. Não é que eu esteja sendo frio, estou apenas resolvendo o que precisa ser resolvido. Cresça no mesmo bairro que eu, com uma loja de armas que vende balas avulsas por vinte e cinco centavos para qualquer um que tiver uma ideia ruim na cabeça e uma moeda no bolso, e talvez você acabe como eu. Não abatido, nem irado nem nada, apenas concentrado. E nesse momento, estou contando os meses até conseguir cair fora.

Dois meses já devem bastar. Então vou ter dinheiro guardado para me motorizar de novo. Nada chique. Só alguma coisa que me leve para o trabalho e me traga de volta sem eu ter que andar por essas ruas. Pois é, desde sempre tenho preparado a receita dos outros, mas não estou a fim de continuar nessa. Quando tiver meu carro, vou dirigir para o centro e implorar para me aceitarem como aprendiz na cozinha do R23, esse lugar maluco de sushi bem no meio de um bairro que costumava produzir a maioria dos brinquedos do mundo, mas agora os armazéns estão todos vazios, e esse lance dos brinquedos ficou para a China.

Fiquei sabendo desse lugar pelo Termite, porque ele também adora comida japonesa. Quero dizer, ele adora qualquer coisa oriental, princi-



palmente mulheres, mas isso não vem ao caso. Ele me levou lá na semana passada, e eu paguei trinta e oito mangos por uma refeição só para mim, mas valeu a pena por causa dessas coisas que os chefs japoneses fazem. Coisas com que eu nunca tinha nem sonhado. Salada de espinafre com enguia. Atum tostado com um maçarico, tão bem-feito que fica cozido por fora e todo macio e cru no meio. Mas o que mexeu comigo mesmo foi um negócio chamado *California roll*. Por fora é arroz apertado em ovinhas laranjas de peixe. Por dentro é um círculo verde de alga com pedaços de caranguejo, pepino e abacate no meio. Foi esse último ingrediente que me deixou bolado.

Cara, você não está entendendo. Eu faço qualquer coisa para aprender com esses chefs. Lavo pratos. Varro o chão, limpo o banheiro. Fico até tarde toda noite. Não importa! Só quero estar perto de uma boa comida japonesa, porque na hora eu pedi esse sushi por causa do nome, olhei para ele e decidi que não queria porque não aguento mais abacate, e o Têrmito até precisou insistir para que eu comesse e então só pude encolher os ombros e provar. Mas quando a coisa encostou na minha língua, uma faísca acendeu dentro de mim. Meu cérebro inteiro simplesmente se iluminou, e eu vi possibilidades onde nunca tinha visto antes. Tudo porque uns chefs pegaram uma coisa que eu não aguentava mais, uma coisa que vejo todo dia, e transformaram em algo diferente.

Se você cortar, cavoucar e amassar uma quantidade suficiente de abacates, vai saber. Vai logo sentir uma dor nos ossos, uma dor que só acontece quando suas mãos decoram os mesmos movimentos, repetindo e repetindo, até você sonhar com eles. Prepare guacamole todos os dias, menos domingo, durante quase quatro anos e veja se você também não enjoa dessa fruta verde melequenta.

Alguma coisa bate na cerca perto da minha cabeça, e eu pulo para trás com meus punhos erguidos e preparados. Dou risada quando vejo que é só um gato ruivo gordo porque, cacete, ele fez meu coração disparar.

Mas continuo andando. Lynwood não é lugar para se ficar parado, não se você for esperto. O centro é diferente, é um mundo melhor. Pelo menos poderia ser para mim, e tem tantas coisas que eu quero saber, tantas perguntas que quero fazer para esses chefs. Tipo, eles fazem isso com a comida só aqui? Posso não saber muita coisa, mas tenho quase certeza que eles não têm

abacates no Japão. Nesta cidade, nossa raiz é a comida mexicana, porque a Califórnia antigamente pertencia ao México. Até existe uma barbicha dela, a Baja California, que *ainda* pertence ao México, mesmo que o território ao norte agora seja outra coisa. Mais ou menos como eu. Meus pais são do México. Eu nasci lá, e fui trazido para L.A. quando tinha um ano. Minha irmã e irmão mais novos nasceram aqui. Por causa deles, agora somos americanos.

É para isso que servem minhas caminhadas para casa. Deixar as perguntas rolarem de um lado para outro dentro da cabeça, sonhar, pensar. Eu me perco nisso às vezes. Quando estou virando a esquina da minha rua, volto a me perguntar em que raios um chef japonês estava pensando quando inventou o *California roll*, e minha mente está ruminando o fato de que até um abacate pode virar uma coisa nova e bonita quando é colocado em circunstâncias diferentes, e é nessa hora que um carro com o motor roncando surge atrás de mim.

Não presto muita atenção nele. Não mesmo. Chego um pouco para o lado, mas o carro breca perto de mim. Então deixa toda a passagem para ele, certo? Tipo, tranquilo, ele vai seguir em frente quando perceber que não estou envolvido. Não tenho uniforme de *cholo*. Não tenho tatuagens. Nada. Estou limpo.

Mas o carro me acompanha, centímetro a centímetro, e quando o vidro do motorista baixa, salta um som veloz de piano em estilo Motown. Por aqui todo mundo conhece a estação de rádio KRLA, 1110 AM. As pessoas adoram essas músicas das antigas nesse lugar. Está tocando a abertura de “Run, Run, Run”, das Supremes. Reconheço o sax e o piano.

— Ei — me chama o motorista por cima da música —, você conhece esse camarada, Lil Mosco?

No instante em que ouço o apelido do meu irmão caçula da boca desse estranho, dou meia-volta e corro na direção oposta. A cada passo, parece que meu estômago está tentando sair pela boca. Ele sabe que agora deu merda, de verdade.

Ouçõ o motorista dar risada enquanto põe o carro em marcha a ré e pisa no acelerador. O carro me ultrapassa facilmente e dá uma freada brusca. É então que dois caras saem pela frente e outro pula para fora da carroceria. Três caras, todos vestidos de preto.

Agora estou cheio de adrenalina. Devo estar mais alerta do que nunca, e sei que, se eu conseguir escapar dessa, preciso lembrar o máximo que puder, então viro a cabeça e observo enquanto corro tentando memorizar

tudo. É um Ford. Azul-escuro. Acho que é um Ranchero. Está sem a luz traseira. Lado esquerdo.

Não consigo ler o número da placa porque estou dobrando a esquina, voltando para a Boardwalk, e agora estou me embrenhando entre as casas, tentando sair na rua seguinte, pular uma cerca e desaparecer no quintal de alguém, mas eles me alcançam rápido demais. Todos os três. Eles não passaram dez horas em cima de uma grelha, servindo tacos para um monte de crianças e bêbados. Eles não estão cansados. São fortes.

Ouçó eles chegando bem atrás de mim, escuto o sangue latejar no meu ouvido e sei que estou quase rodando, cara. Em um segundo de clareza, engulo ar e me preparo para o momento em que eles voam para cima de mim, me derrubam com um chute e acertam meu queixo com força, e então eu caio. Depois disso vejo tudo preto por não sei quanto tempo.

Eu já levei murro na boca, mas nunca desse jeito. Acordo enquanto eles me arrastam de volta para o carro, e parece que meu rosto vai partir em dois. Além do zumbido no ouvido, ouço os calcanhares das minhas botas raspando no asfalto e me dou conta de que só devo ter apagado por alguns segundos.

— Não faz isso — murmuro.

A calma dessas palavras me surpreende, considerando que meu coração está a um milhão por minuto.

— Por favor. Eu não fiz nada para vocês. Tenho dinheiro. O que vocês quiserem.

Eles respondem, os três caras, mas não com palavras. Mãos ásperas me colocam em pé num gesto brusco, me empurrando para fora da Boardwalk e para dentro de um beco com garagens dos dois lados. Mas eles estão só ajustando minha posição.

Socos rápidos e fracos me atingem nos rins, no estômago, nas costelas também. Vem de todos os lados. Os socos não parecem fortes, mas me deixam sem ar. No começo não entendo, mas então noto o sangue, olho para ele na minha camisa, e, enquanto me pergunto por que não senti as facadas, um taco me acerta.

Vejo um borrão escuro um segundo antes de a madeira me atingir e recuar. A parte pesada só me acerta no ombro, mas agora em vez de estar de pé olhando para minha camisa, estou estirado de costas, olhando para o céu noturno. Cacete.

— Toma! — grita um deles na minha cara. — Toma isso, seu filho da puta!

Eu fico em posição fetal, com a sensação de que estão fritando meu maxilar numa frigideira. Levo as mãos ao rosto para me proteger, mas não adianta. O taco desce de novo, e de novo. Levo um golpe no pescoço, e meu corpo inteiro fica amortecido.

— Amarra esse merda enquanto ele está estendido — ordena uma voz diferente.

Mal consigo respirar.

— É, faz isso você, Joker! — surge outra voz no meio, talvez a primeira.

Um deles se chama Joker. Preciso guardar isso, eu acho. É uma informação importante. *Joker*. A palavra gruda no meu cérebro e fico tentando lembrar. Não conheço nenhum Joker, e não faz nenhum sentido eles estarem atrás de mim e não do meu irmão, se ele fez alguma outra cagada.

— Por favor — peço, quando recupero o fôlego, como se implorar alguma vez já tivesse adiantado com esses monstros.

Até parece. Eles estão ocupados demais puxando meus tornozelos, mas estou tão atordoado que nem consigo saber qual deles. Da metade do meu corpo para baixo, sinto apenas minhas pernas sendo apertadas.

— Pronto — diz um deles.

Quando abro os olhos, penso “pronto *o quê?*”. Reconheço a vizinhança em volta. Por um segundo, acho que estou em segurança quando ouço eles se afastarem e vejo a luz de freio do carro tingir de vermelho as garagens ao redor. Me encho de alívio. Eles estão indo embora, eu acho. Estão indo embora! Então eu vejo um garotinho, de uns doze anos, escondido na Boardwalk. O rosto dele fica vermelho sob a luz de freio, e eu confirmo, ele está mesmo olhando para mim. Só que os olhos dele estão arregalados. A expressão dele me deixa tão perturbado que sigo seu olhar pelo meu corpo até os meus pés, e quase vomito quando vejo meus dois tornozelos amarrados com um arame grosso à traseira do carro.

Eu puxo bem forte, mas não consigo afrouxar o arame, apenas cravá-lo na minha pele. Tento chutar com toda a força que me resta, mas nada acontece. Nada sai do lugar. Luto para alcançar o arame com os dedos, tirá-lo de algum jeito.

Mas o motor dá partida, eu caio e sou arrastado, meu crânio derrapando no asfalto por causa da velocidade. O ar passa depressa por cima de mim, e cada pedaço de pele nas minhas costas parece estar em chamas quando o carro freia bruscamente.

O impulso me joga para a frente. Três metros? Seis? Acho que eu quiquei, pois fico no ar por um instante antes de algo duro e frio tipo metal me acertar no rosto, e dessa vez sinto minha maçã do rosto quebrar. Realmente sinto ela ceder por dentro, o estalo ecoar nos meus ouvidos, o osso partindo e o sangue jorrando em cima da minha língua. Viro a cabeça, abro a boca e deixo ele fluir. Quando ouço o sangue pingar na rua, quando ele não para de escorrer, eu sei que é o fim.

Sei que já era para mim.

Talvez eu tivesse uma chance antes, mas não agora.

— Pega esse arame de volta, maluco, e confere se esse filho da puta está morto! — grita uma voz de dentro do carro, não sei de quem.

Uma porta se abre, mas não ouço ela fechar. Escuto passos se aproximando, e então há um vulto pairando sobre mim, conferindo se estou respirando.

Eu nem penso. Apenas cuspo com toda a força que tenho.

O cuspe deve ter acertado, pois ouço algo se mexendo depressa, e o vulto recua.

— Jesus — diz ele. — A porra do sangue dele espirrou na minha boca! Você está tentando me passar aids ou o quê?

Naquele momento eu até *queria* ter aids, só para poder passar para ele! Tento abrir mais os olhos. Só o direito obedece. Vejo o vulto colocar alguma coisa na boca e então ele dá um sorrisinho torto para mim, mostrando os dentes. A sombra está em cima de mim, tão rápido que nem sei o que está acontecendo, e ele me golpeia com força três vezes no peito. No começo, não sinto a faca, mas sei que ele tem uma por causa dos sons, pelo jeito como leva o meu ar com ela. Ouço a batida oca enquanto ele crava a lâmina bem fundo. O mais fundo que uma faca consegue chegar.

— Fala para o seu irmão que a gente está chegando — sussurra ele, como minha mãe sussurra na igreja quando está brava com você. Bem brava.

— Tem gente *olhando*, maluco! — grita o cara que está dando ordens de dentro do carro.

Então o vulto desaparece. O carro também. Os pneus jogam cascalho em mim quando partem. Ainda estou respirando, mas tudo está molhado. Metade é sangue. Estou perdendo a sensação no corpo todo. Tento rolar para o lado. Penso que se conseguir me virar, o sangue vai apenas escorrer para fora em vez de me engasgar. Só que não consigo. Vejo um novo vulto em cima de mim. Pisco com força e vejo um rosto. É uma moça tirando o cabelo dos olhos enquanto se curva sobre mim. Ela diz que é enfermeira e pede para eu ficar parado. Quero rir, dizer para ela que não consigo me mexer, para ela não se preocupar, vou ficar parado porque não consigo fazer mais nada. Quero pedir para ela contar para minha irmã o que aconteceu. Tem outro vulto do lado dela, um menor. Parece o menino que eu vi, mas está embaçado demais para eu saber. Escuto a voz nítida do menino.

— Esse maluco vai morrer, né? — pergunta o garoto.

Por um segundo, acho que ele está falando de outro cara. Não eu. Então a moça sussurra algo que eu não consigo ouvir, e sinto mãos sobre mim. Não exatamente mãos, mas uma pressão. O pior de tudo não é a dor. O problema é que eu não consigo respirar. Tento e não consigo. Meu peito não enche. Parece que tem um carro estacionado em cima de mim. Tento dizer isso para eles. Se puderem por favor mandar o carro sair, eu vou ficar bem. Não vai estar tão pesado e eu vou poder respirar e tudo vai ficar bem se eu apenas conseguir tomar um ar. Tento gritar isso, qualquer coisa. Mas minha boca não funciona e minha pele parece grande, solta, e o céu parece perto demais, como se tivesse caído em cima de mim, no meu rosto, que nem um lençol, e tenho uma sensação estranhíssima, como se ele estivesse descendo para me consertar, entrando em mim com algum tipo de concreto escuro, tentando remendar meus buracos para me deixar respirar, e eu penso como seria bom se fosse verdade, mas sei que só estou morrendo, o menino tem razão, eu sei que penso que estou me fundindo nele porque meu cérebro está com pouco oxigênio, e sei porque isso é lógico, porque um cérebro não funciona direito sem alimento, e sei que não estou realmente virando parte do céu, eu sei porque, sei porque